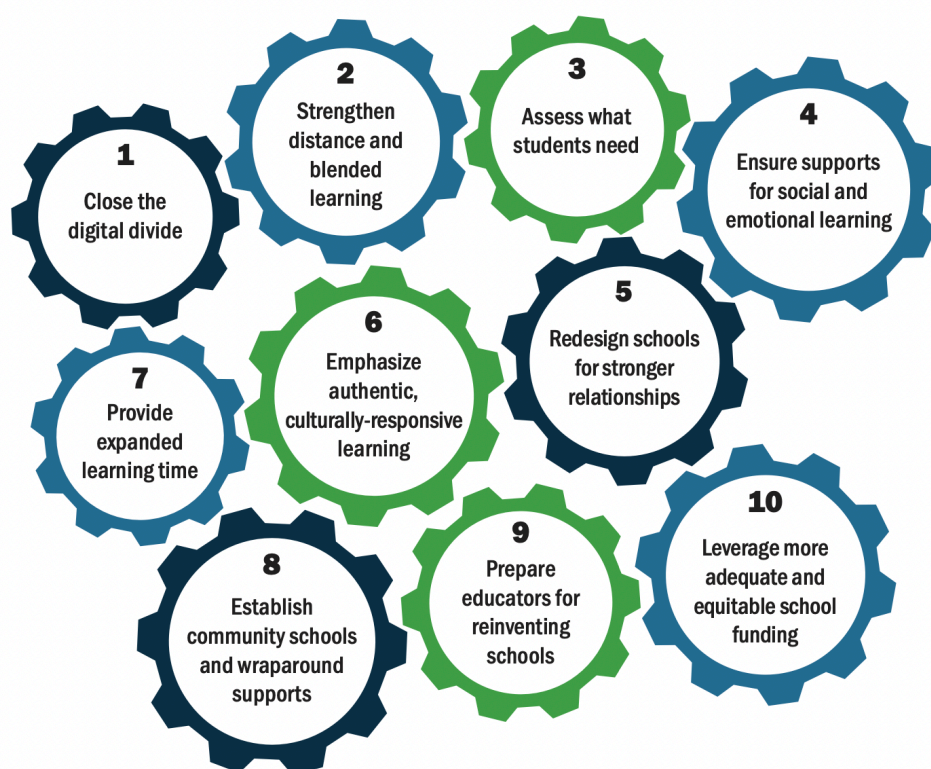


DESAFIOS 34

CADERNOS DE TRANSFORMAÇÃO

MARÇO DE 2021



PARA UM REGRESSO A UMA OUTRA ESCOLA

SAME – SERVIÇO DE APOIO À MELHORIA DA EDUCAÇÃO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA - UCP

PORTO | 2021



Ficha técnica

Título: Para um regresso a uma outra escola

Direção: José Matias Alves

Autores: José Matias Alves, Lídia Serra, Margarida Araújo

Edição deste número: José Matias Alves

Composição: Francisco Martins

Local de edição: Rua Diogo Botelho,1327 | 4169-005 | Porto | Portugal

Edição: Faculdade de Educação e Psicologia

Ano e mês: 2021, março

ISSN: 2183-7406

Foto de capa: LearningPolicyInstitute.org



Índice

10 Propostas para uma reinvenção da Escola.....	4
Redenção - A escola na sua relação com o aprender.....	12
O impacto do segundo confinamento.....	18

10 Propostas para uma reinvenção da Escola



José Matias Alves¹

Esta edição reúne dois textos de duas doutorandas de Ciências da Educação da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa. O desafio era o de pensar a escolarização depois da turbulência dos tempos que se iniciou em março de 2020. O de pensar o que tínhamos aprendido com o ensino remoto de emergência, o que tínhamos sonhado para um regresso a uma escolarização tendencialmente presencial. Saber, enfim, o que tínhamos com as prisões domésticas, com o ensino a distância, com o teletrabalho, com os confinamentos e as múltiplas clausuras.

O desafio foi feito a muitos professores, diretores, alunos de doutoramento. E o primeiro destino era uma publicação na página do Facebook do Católica Porto Educação que persistentemente se tem ocupado destas matérias. Mas, dada a densidade e extensão destes dois textos, decidimos autonomizá-los num caderno *Desafios*. E aqui está. Como diretor e editor deste número, seja-me permitido enunciar alguns dos imperativos deste tempo e que seguramente se vão projetar para o futuro próximo da educação. Faço-o, seguindo a publicação infra citada do *Learning Policy Institute*, mas indo bastante além das concetualizações aí enunciadas. Seguem-se 12 linhas para uma ação imperativa, plural, imaginativa, criadora de práticas inovadoras.

1. Eliminar progressivamente as desigualdades no acesso a equipamentos e tecnologias digitais.

É a ação mais óbvia (e mais fácil): dotar todas as escolas de equipamentos e de redes de internet poderosas que permitam um largo e rápido volume de dados. Mas também as famílias. E mais importante do que os equipamentos que chegarão mais mês

¹ jalves@porto.ucp.pt



menos mês, é imperativo dotar todo o país de uma rede de internet de banda larga para que o acesso aos dados seja fácil e rápido. Portugal sofre ainda de gritantes assimetrias neste campo. O Estado não pode deixar nas mãos da iniciativa privada dos operadores a resolução deste problema. Tem de exigir que os operadores cumpram um imperativo dever público de facultar a todos os cidadãos este acesso básico. Tão básico como a eletricidade, o saneamento, a água. E os Municípios têm também aqui um poderoso papel a desempenhar e a cumprir.

2. Conjugar o ensino on line com o ensino presencial, gerando novas e plurais dinâmicas de aprendizagem.

Continuamos focados num modelo binário de pensamento: preto | branco; ensino on line | ensino presencial. Esta dicotomia não faz mais sentido. Precisamos de reinventar os modelos de escolarização e de aprendizagem. Podemos ter alunos a aprender em múltiplos espaços do espaço público: nas bibliotecas, nas praças, nos jardins, nas ruas – esta é uma dimensão essencial da *cidade educadora*. Precisamos de ter grupos em aprendizagem remota e em aprendizagem presencial. Precisamos de um modelo de aprendizagem muito mais flexível e colaborativo. Veja-se, por exemplo, um caso específico, retirado da publicação citada infra:

Example A/B Schedule

A/B Week Rotations of Groups of Students

	Monday	Tuesday	Wednesday	Thursday	Friday
Week 1	Group A (On-Site)	Group A (On-Site)	Group A (On-Site)	Group A (On-Site)	School Cleaning/ Teacher Planning/Office Hours/Professional Learning
	Group B (Remote)	Group B (Remote)	Group B (Remote)	Group B (Remote)	
Week 2	Group B (On-Site)	Group B (On-Site)	Group B (On-Site)	Group B (On-Site)	
	Group A (Remote)	Group A (Remote)	Group A (Remote)	Group A (Remote)	

Source: Johnston Community School District. (2020). Return to Learn: Hybrid Learning Model (Draft).

3. Avaliar sistematicamente o que os alunos precisam de aprender e indicar os caminhos das possibilidades.

Esta é uma das dimensões mais relevantes da ação educativa. Ensinar o que os alunos precisam de aprender. Ensinar o que está no currículo prescrito. Mas, sobretudo,



ensinar o que necessário para viver, para compreender e intervir no mundo. Para além do currículo. Porque só deste modo faz sentido o *slogan* das *pessoas primeiro*. E avaliar se estão a aprender. E como os alunos são diferentes é preciso uma avaliação ao serviço das aprendizagens de cada um dos alunos. E dar o *feedback* necessário para que corrijam o erro, melhorem as aprendizagens, indicando os caminhos das aprendizagens (auto e hétero).

4. Garantir suportes presenciais e a distância para a aprendizagem social e emocional.

Sabemos que a aprendizagem é um processo individual e social e requer um equilíbrio e um bem-estar emocional. Por isso é que literatura nos sinaliza a centralidade de um *clima positivo e seguro* que gera confiança em si e nos outros. Confiança nas redes relacionais. E isto é verdade nas turmas, na escola, nos recreios, e em casa.

Na escola, nos tempos pós-confinamento, precisamos de ativar muito os tempos de encontro e de interação, de reforçar o trabalho em grupo, o trabalho em projetos comuns. Precisar de geografias de espaços que permitam ativar múltiplas comunicações e interações. Comunicar, comunicar, comunicar pode ser a palavra de ordem essencial. No exemplo que aqui apresentamos vemos o desenho de uma escola onde alunos e professores trabalham em qualquer lugar em torno de um tema, problema, projeto em pequenos grupos. O tempo das aulas em autocarro tem de terminar rapidamente.

Ways That Social and Emotional Learning Can Be Integrated Throughout the School Day



5. Redesenhar as escolas (na gestão dos espaços, dos tempos, do agrupamento dos alunos) para relacionamentos mais fortes e saudáveis.

O tópico anterior já nos convocava para pensar e praticar as aprendizagens em situações, ambientes e espaços diversos. A escola tem de evoluir de um *menu único pronto a vestir/engolir* para menus de aprendizagens flexíveis, diversos, múltiplos e que respondam às necessidades dos alunos. Para que isto seja possível, os agrupamentos de alunos têm de ser outros, a turma, podendo continuar a ser uma referência, não pode assumir a fixidez habitual, as equipas docentes tem de ter o poder de reorganizar a oferta educativa em função das necessidades de cada pequeno grupo de alunos. Isto obriga a refundar a gramática tradicional e a adotar novas soluções para fazer aprender os alunos.



6. Enfatizar uma autêntica aprendizagem cultural e social territorialmente implicada.

A escola existe para servir as pessoas dos alunos, para servir a comunidade onde está inscrita. Há toda uma história, uma tradição, redes (sociais, económicas, culturais...) que têm de estar presentes num processo de aprendizagem. Esta é uma das razões centrais para a existência de um projeto educativo local que se não limite ao interior da escola. O currículo nacional tem de estar inscrito no local onde as pessoas vivem. E isto existe uma auscultação, uma escuta, uma implicação.

7. Providenciar um tempo de aprendizagem mais rico, flexível e eventualmente alargado, mas segundo as necessidades (diversas) dos alunos.

Como sabemos o tempo é uma variável chave da aprendizagem. Os alunos não aprendem todos no mesmo ritmo nas diferentes matérias. É por isso uma aberração fabril que todos tenham o mesmo tempo a tudo. O desafio da personalização tem de implicar uma atenção ao particular, ao singular para que se ajustem as respostas. Para isso, o diagnóstico preciso do que se sabe/não se sabe é algo de fundamental para se acertar na resposta. Nesta circunstância, não faz sentido decretar a universalização de mais tempo para compensar aprendizagens perdidas. O que faz sentido (também aqui) é estudar a situação de cada pessoa e ajustar a resposta temporal.



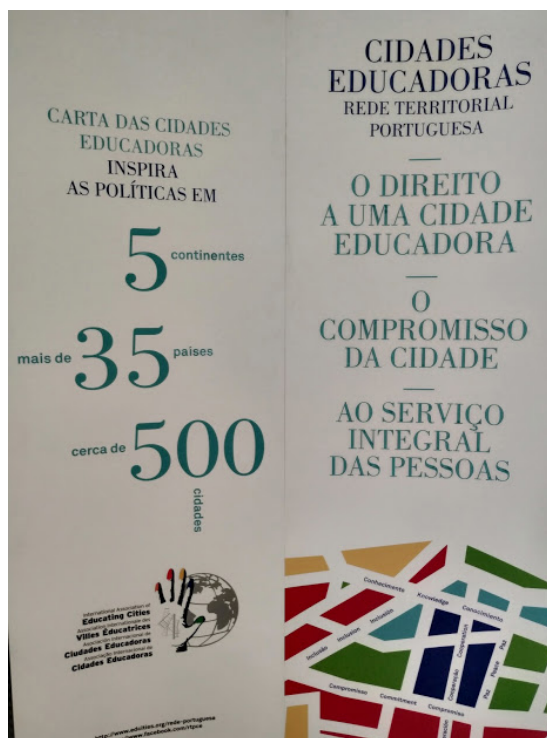
Wyoming's Framework for Digital Learning



Source: Wyoming Department of Education Digital Learning Plan.

8. Reforçar os laços das escolas com a comunidade e praticar o conceito das “cidades educadoras”.

O conceito de *cidades educadoras* é algo de poderoso e relaciona-se com a inscrição da escola no território. Sair das salas de aulas e ir pesquisar e procurar para a rua, para ambiente, para os bosques, para os parques que existem quase em todo lado obriga a repensar toda a pedagogia da exposição e da passividade.



9. Incentivar os educadores para uma reinvenção das práticas de escolarização [mais reflexão, mais colaboração, mais interdisciplinaridade, mais integração, mais diversidade de respostas].

Os modos de trabalho docente estão ainda maioritariamente prisioneiros de uma ação solitária, individual, segmentada, disciplinarizada. Precisamos de evoluir para pensar, planear e praticar modos mais articulados e integrados de gerir o currículo. Partir de temas-problema, partir de situações polémicas que nos interpelam e colocar os alunos em situações de procura sistemática de respostas.

10. Promover um financiamento da escola mais adequado e equitativo gerando mais coesão e justiça social.

As escolas têm já hoje recursos financeiros que provêm de múltiplas fontes e são recorrentemente convidadas a concorrer financiamentos, nomeadamente no âmbito europeu. Os TEIP são outro dispositivo salutar de discriminação positiva. Mas o Estado tem aqui uma palavra importante dotando os orçamentos correntes das escolas de verbas para que elas próprias contruam os seus próprios projetos de Investigação,



PORTO
Inovação & Desenvolvimento, prestando, naturalmente contas dos processos e dos resultados alcançados.

Propostas elaboradas a partir de:

Darling-Hammond, L., Schachner, A., & Edgerton, A. K. (with Badrinarayan, A., Cardichon, J., Cookson, P. W., Jr., Griffith, M., Klevan, S., Maier, A., Martinez, M., Melnick, H., Truong, N., Wojcikiewicz, S.). (2020). *Restarting and reinventing school: Learning in the time of COVID and beyond*. Palo Alto, CA: Learning Policy Institute.